

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS

ELLE KENNEDY



SÉRIE BRIAR U

Apaixonar-se é o único risco
que ela não quer correr...

O Risco

TOP
SEL
LER

1

Brenna

Estou num encontro e o rapaz está atrasado.

Atenção: não sou uma besta-quadrada. Normalmente dou uma tolerância de cinco minutos aos rapazes. Consigo perdoar cinco minutos de atraso.

Quando já passaram sete minutos, ainda sou capaz de estar receptiva, sobretudo se o atraso for acompanhado de uma chamada ou mensagem de aviso a informar de que vai chegar atrasado. O trânsito é implacável e, por vezes, lixa-nos a vida.

Ao fim de dez minutos, a minha paciência já está por um fio. E se o imbecil sem a mínima consideração estiver dez minutos atrasado e não tiver ligado? Obrigadinha, mas já passei à frente. Vou pôr-me na alheta.

Ao fim de quinze minutos, eu devia ter vergonha na cara. Por que raio continuo no restaurante?

Ou, neste caso em específico, no *diner*.

Estou sentada a uma mesa do Della's Diner, o restaurante com temática dos anos cinquenta de Hastings. Hastings é a terriola a que vou chamar casa nos próximos dois anos, mas, felizmente, não sou obrigada a viver na casa do meu pai. Podemos viver na mesma cidade, mas antes de ter pedido transferência para a Universidade Briar, deixei bem claro que não iria viver com ele. Já tinha abandonado o ninho. Recusava-me a voltar e a submeter-me novamente à proteção excessiva dele e aos seus péssimos cozinhados.

— Queres que te traga outro café, querida? — A empregada de mesa, uma mulher de cabelo encaracolado vestida com uma farda de poliéster azul e branca, lança-me um olhar de compaixão. Aparenta estar na casa dos 20. Leio o nome «Stacy» no crachá, convencida de que ela percebeu que levei uma tampa.

— Não, obrigada. Só a conta, por favor.

Quando ela se afasta, pego no telemóvel e envio uma mensagem rápida à minha amiga Summer. Isto é tudo culpa dela, por isso, vai ter de levar com a minha ira.

Eu: Ele deixou-me pendurada.

A Summer responde de imediato, como se estivesse ao pé do telemóvel à espera de novidades. Quero dizer, esqueçam lá o «se». A minha nova amiga é metedixa e não se envergonha disso.

Summer: OMD! NÃO!!

Eu: Sim.

Summer: Que. Idiota. Lamento muito, Bee.

Eu: Meh. Em parte, não estou surpreendida. Ele é jogador de futebol americano. São conhecidos por serem uns idiotas chapados.

Summer: Pensava que o Jules era diferente.

Eu: Pensaste mal.

Vejo surgir reticências, o que me indica que ela está a escrever uma resposta, mas já sei qual vai ser. Mais um pedido de desculpa extenso, que não me apetece ler neste momento. Só me apetece pagar o café e voltar para o meu apartamento minúsculo para despir o sutiã.

Jogador de futebol parvo. Cheguei a ponto de pôr maquilhagem por causa deste imbecil. Sim, só tínhamos combinado encontrar-nos para tomar um café ao final do dia, mas, mesmo assim, fiz um esforço.

Baixo a cabeça para vasculhar a carteira à procura de notas pequenas. Quando uma sombra cai sobre a mesa, calculo que seja a Stacy, que voltou com a conta.

Estou errada.

— Jensen — diz uma voz masculina insolente. — Deixaram-te pendurada, hum?

Bolas. De todas as pessoas que podiam ter aparecido neste momento, esta é a última que quero ver.

Quando o Jake Connelly contorna a mesa para se sentar do outro lado, cumprimento-o com uma expressão carrancuda ao invés de um sorriso.

— O que estás aqui a fazer? — pergunto.

O Connelly é capitão da equipa de hóquei de Harvard ou, melhor dizendo, O Inimigo. Harvard e a Briar são rivais e, por acaso, o meu pai é o treinador principal da Briar. Treina a equipa há dez anos e venceu três campeonatos durante esse reinado. «A Era do Jensen», era esse o título de um artigo recente que li num dos jornais de Nova Inglaterra. Tratava-se de um artigo completo sobre a sucessão de vitórias da Briar nesta temporada. Infelizmente, Harvard também tem tido um desempenho espetacular, tudo graças à superestrela que está sentada à minha frente.

— Estava pelas redondezas. — Noto-lhe um brilho de divertimento nos olhos verdes.

Da última vez que o vi, ele e o colega de equipa estavam nas bancadas do ringue da Briar, a espiolar-nos. Pouco tempo depois, demos-lhes uma abada quando as nossas equipas jogaram uma contra a outra, o que foi altamente gratificante e compensou o facto de termos perdido contra eles no início da temporada.

— Hum-hum, claro que estás em Hastings por acaso. Não vives em Cambridge?

— E daí?

— Fica a uma hora de distância. — Lanço-lhe um sorriso escarinho. — Não sabia que tinha um perseguidor.

— Apanhaste-me. Ando a perseguir-te.

— Sinto-me lisonjeada, Jakey. Já há algum tempo que não tinha um rapaz tão embeijado por mim, a ponto de conduzir até outra cidade à minha procura.

Os lábios dele curvam-se lentamente num sorriso.

— Olha, por muito jeitosa que sejas...

— Ah. Achas que sou jeitosa?

— ... não gastaria dinheiro em combustível para vir até aqui só para marcar golo na baliza. Lamento desapontar-te. — Ele desliza uma mão pelo cabelo escuro. Está um pouco mais curto agora, e ele tem uma barba incipiente que lhe escurece o maxilar.

— Dizes isso como se eu pudesse ter interesse nas tuas bolas — respondo, num tom de voz doce.

— As minhas bolas metafóricas. Não conseguirias aguentar as verdadeiras — replica ele, de forma arrastada. — *Jeitosa*.

Reviro os olhos com tanta força que quase fico com uma distensão muscular.

— Agora a sério, Connelly. Porque é que vieste aqui?

— Vim visitar um amigo e este restaurante pareceu-me um bom local para tomar um café antes de regressar à cidade.

— Tens um amigo? Bem, que alívio. Já te vi com os teus colegas de equipa, mas assumi que são obrigados a fingir que gostam de ti porque és o capitão deles.

— Eles gostam de mim porque eu sou espetacular. — Esboça outro sorriso.

Capaz de fazer derreter as cuecas. Foi assim que uma vez a Summer descreveu o sorriso dele. Juro que a rapariga tem uma obsessão doentia com as atraentes feições cinzeladas do Connelly. Expressões que ela usa para o descrever incluem: borracho, explosão dos ovários, bom como o milho e jeitoso como o raio.

Eu e a Summer só nos conhecemos há dois meses. Passámos de desconhecidas a melhores amigas em cerca de trinta segundos. Quero dizer, ela foi transferida de outra universidade depois de ter pegado fogo por acidente a uma parte da casa da república feminina onde vivia. Como é que poderia não me apaixonar completamente por esta desvairada? Está a estudar Moda, é muito divertida e está convencida de que tenho uma paixoneta pelo Jake Connelly.

Mas está enganada. O rapaz é lindo e um excelente jogador de hóquei, mas também é um conhecido mulherengo fora da pista de gelo.

O que não o torna uma anomalia, claro está. Há muitos atletas que mantêm um harém ativo de miúdas que não se importam minimamente de: 1) trocar uns amassos, 2) não ser exclusivas e 3) ficar sempre em segundo lugar perante seja qual for o desporto que o rapaz praticar.

Mas eu não sou uma dessas miúdas. Não me oponho a engates, mas os números 2 e 3 são inegociáveis para mim.

Já para não falar que o meu pai me esfolava viva se alguma vez eu saísse com O Inimigo. Há anos que o meu pai e o treinador do Jake, o Daryl Pedersen, não se suportam. Nas palavras do meu pai, o treinador Pedersen sacrifica bebés em nome do Diabo e faz magia com sangue nos tempos livres.

— Tenho montes de amigos — acrescenta o Connelly, encolhendo os ombros. — Incluindo um bem próximo que anda na Briar.

— Sinto que quando alguém se gaba dos muitos amigos que tem, é porque normalmente não tem nenhum. Chama-se sobrecompensação, entendes? — pergunto, esboçando um sorriso inocente.

— Ao menos, não fui eu que fiquei pendurado.

O sorriso esmorece.

— Eu não fiquei pendurada — minto, só que a empregada de mesa escolhe esse momento para se aproximar e descobrir-me a careca.

— Sempre apareceste! — Os olhos dela enchem-se de alívio ao ver o Jake, e depois é visível um brilho de apreciação quando ela olha bem para ele. — Estávamos a começar a ficar preocupadas.

Nós? Não sabia que éramos parceiras neste incidente humilhante.

— As estradas estavam escorregadias — responde-lhe o Jake, apontando com a cabeça para a janela do restaurante. Gotas de água deslizam pelos vidros embaciados e um relâmpago fino ilumina momentaneamente o céu escuro. — É preciso ter ainda mais cuidado quando se conduz à chuva, sabes?

Ela acena fervorosamente.

— As estradas ficam mesmo molhadas quando está a chover.

Não me digas, Capitão Óbvio. *A chuva deixa as coisas molhadas.* Alguém chame o júri do Prémio Nobel.

Os lábios do Jake estremecem.

— Queres que te traga alguma coisa para beber? — pergunta ela. Lanço-lhe um olhar sério.

Ele responde com um sorriso antes de piscar o olho à empregada de mesa.

— *Adorava* beber um café — semicerra os olhos na direção do crachá —, Stacy. E outro para a minha companhia rabugenta.

— Não quero beber mais nada e não sou a companhia dele — resmungo.

A Stacy pisca os olhos em sinal de confusão.

— Hum? Mas...

— Ele é um espião de Harvard que foi enviado aqui para obter informações sobre a equipa de hóquei da Briar. Não lhe dêes conversa, Stacy. Ele é o inimigo.

— Tão dramática. — O Jake ri-se. — Ignora-a, Stace. Ela só está chateada porque cheguei atrasado. Dois cafés e uma fatia de tarte, por favor. De... — O seu olhar incide nas caixas de vidro em cima do balcão. — Oh, caraças. Não consigo escolher. Tem tudo um aspeto tão apetitoso.

— Sim, e tu também — ouço a Stacy murmurar.

— Perdão? — pergunta ele, mas o seu sorrisinho demonstra que a ouviu perfeitamente.

Ela cora.

— Oh, hum, estava a dizer que já só temos tarte de pêssego e noz-pecã.

— Hum. — Ele lambe o lábio inferior. É um movimento ridículamente sexy. Tudo nele é sexy. E é por isso que o odeio. — Sabes que mais? Traz-me uma de cada, por favor. Eu e a minha companhia vamos partilhar.

— Não vamos, não — respondo num tom animado, mas a Stacy já se afastou para ir buscar a porcaria da tarte para o Rei Connelly.

Foda-se.

— Escuta, por mais que goste de discutir a mediocridade da tua equipa, estou demasiado cansada para te insultar esta noite. —

Tento esconder o cansaço, mas a minha voz trai-me. — Quero ir para casa.

— Ainda não. — O tom leve e algo trocista que ele tem usado transforma-se em algo mais sério. — Não vim a Hastings por tua causa, mas agora que vamos tomar café juntos...

— Contra a minha vontade — interrompo-o.

— ... há uma coisa sobre a qual precisamos de falar.

— Ah, sim? — Ainda que contrariada, sinto pontadas na barriga com a curiosidade, mas decido escondê-la com sarcasmo. — Mal posso *esperar* para saber.

O Jake entrelaça as mãos em cima da mesa. Ele tem umas mãos maravilhosas. Mesmo, mesmo maravilhosas. Tenho uma ligeira obsessão por mãos masculinas. Se forem demasiado pequenas, perco imediatamente o interesse. Se forem demasiado grandes e gordas, fico um pouco apreensiva. Mas o Connelly foi abençoado com um par vencedor. Tem os dedos compridos, mas não ossudos. As palmas das mãos são grandes e potentes, mas não musculosas. Tem as unhas limpas, mas vejo dois nós dos dedos vermelhos e gretados, provavelmente por tê-los raspado no gelo. Não consigo ver as pontas dos seus dedos, mas apostava que estão calejadas.

Adoro a sensação de dedos calejados a percorrerem-me a pele nua, a acariciarem um mamilo...

Bolas. Não. Não posso permitir-me ter pensamentos ordinários quando estou perto deste homem.

— Quero que te mantinhas bem longe do meu rapaz. — Apesar de ele pontuar a ordem com os dentes à mostra, isso não pode ser classificado como sorriso. É demasiado feroz.

— Que rapaz? — Mas ambos sabemos que eu sei a quem ele se refere. Consigo contar com um dedo de uma mão com quantos jogadores de Harvard andei enrolada.

Conheci o Josh McCarthy numa festa de Harvard para onde fui arrastada pela Summer há algum tempo. Inicialmente, ele fez uma birra quando descobriu que eu era filha do Chad Jensen, mas depois reconheceu que teve um comportamento inadequado, pediu-me

desculpa pelas redes sociais e, depois disso, chegámos a estar algumas vezes juntos. O McCarthy é giro, brincalhão e um bom candidato a uma amizade colorida. Como vive em Boston, não há hipótese de se exceder nos gestos de afeto, nem de aparecer à minha porta sem ser convidado.

Como é óbvio, ele não é uma opção a longo prazo. E, com isso, nem estou a pensar no facto de que o meu pai me mataria se soubesse. A verdade é que o McCarthy não me estimula. Falta-lhe sarcasmo e é um pouco enfadonho quando não tem a língua enfiada dentro da minha boca.

— Estou a falar a sério, Jensen. Não quero que andes a brincar com o McCarthy.

— Tem calma, Mamã Urso, recolhe lá essas garras. É só uma relação casual.

— Casual — repete ele. Não soa a uma pergunta, mas sim a troça, o que me faz pensar que não acredita em mim.

— Sim, casual. Queres que peça à Siri que defina a palavra para ti? Casual quer dizer que não é sério. De todo.

— Para ele, é.

Reviro os olhos.

— Bem, isso é problema dele, não meu.

Contudo, por dentro, estou perturbada com a avaliação sincera do Jake. *Para ele, é.*

Cum carças. Espero que não seja verdade. Sim, o McCarthy envia-me uma carrada de mensagens, mas tenho tentado não dar conversa a não ser que seja uma mensagem ousada. Nem sequer respondo com «LOL» quando ele me envia uma ligação para um vídeo engraçado, porque não quero dar-lhe falsas esperanças.

Mas... talvez não tenha deixado o nosso estatuto de relação casual tão claro quanto pensava que tinha.

— Estou farto de o ver a andar de um lado para o outro como se fosse um cachorrinho apaixonado. — O Jake abana a cabeça, irritado.

— Ele está pelo beicinho, e esta merda está a distraí-lo nos treinos.

— De que forma isso é problema meu?

— Estamos a meio de um campeonato. Eu sei o que estás a fazer, Jensen, e tens de parar.

— Parar com o quê?

— Parar de brincar com os sentimentos do McCarthy. Diz-lhe que não estás interessada e não saias mais com ele. Ponto final.

Faço beicinho em jeito de troça.

— Oh, papá. És tão rigoroso.

— Não sou o teu papá. — Os lábios dele curvam-se novamente.
— Mas posso ser se quiseres.

— Oh, que nojo. Não te vou chamar «papá» na cama.

Provando que é perita em aparecer nas piores alturas, a Stacy volta à mesa no preciso momento em que aquelas palavras estão a sair da minha boca.

Ela cambaleia. O tabuleiro cheio que traz na mão abana precariamente. Os talheres batem uns nos outros. Preparo-me para o pior, já a contar com um banho de café quente a queimar-me a cara quando a Stacy se lança para diante, mas recupera com rapidez, endireitando as costas antes de haver um desastre.

— Café e tarte! — O seu tom de voz soa alto e animado, como se não tivesse escutado uma palavra.

— Obrigado, Stacy — agradece o Jake, graciosamente. — Peço desculpa pela boca ordinária da minha companhia. Dá para perceber porque não a trago muitas vezes a público.

As faces da Stacy estão ruborizadas de vergonha e ela afasta-se rapidamente.

— Traumatizaste-a para o resto da vida com as tuas fantasias sexuais obscenas — informa-me ele antes de começar a comer a tarte.

— Desculpa, papá.

Ele ri-se enquanto dá uma dentada, e algumas migalhas saem-lhe disparadas da boca, obrigando-o a pegar no guardanapo.

— Não me podes chamar isso em público. — A malícia perpassa-lhe os olhos verdes. — Guarda isso para mais tarde.

A outra fatia — ao que parece, de noz-pecã — continua intacta à minha frente. Pego antes no café. Preciso de mais uma dose de

caféina para me aguçar os sentidos. Não me agrada estar aqui com o Connelly. E se alguém nos vir?

— Ou talvez guarde isso para o McCarthy — contraponho.

— Népia. Não vais fazer isso. — Ele engole outro pedaço de tarte. — Vais acabar com ele, lembras-te?

Pronto. Ele tem mesmo de parar de dar ordens sobre a minha vida sexual como se tivesse voto na matéria.

— Não te compete a ti tomar decisões por mim. Se quiser sair com o McCarthy, vou sair com ele. Se não quiser, não vou.

— Está bem. — Ele mastiga devagar e depois engole. — Queres namorar com o McCarthy?

— Namorar, não.

— Ainda bem. Então estamos em sintonia.

Comprimo os lábios antes de beber lentamente um gole.

— Hum. Acho que não gosto de estar em sintonia contigo. Talvez mude de ideias quanto à questão do namoro... Se calhar, devia pedir-lhe que fosse meu namorado. Sabes onde posso comprar um anel de compromisso?

O Jake parte um pedaço de massa folhada com o garfo.

— Não mudaste de ideias. Cinco minutos depois de teres estado com ele, já nem te lembravas de quem ele era. Só há dois motivos pelos quais continuas a enrolar-te com o rapaz: ou estás entediada ou estás a tentar sabotar-nos.

— Ah, sim?

— Sim. Nada prende a tua atenção durante muito tempo. E eu conheço o McCarthy. É bom miúdo. Divertido, carinhoso, mas esse é precisamente o defeito dele. Uma mulher como tu não gosta de gajos carinhosos.

— Uma vez mais, pensas que me conheces muito bem.

— Sei que és a filha do Chad Jensen. Sei que aproveitarias qualquer oportunidade para mexer com a cabeça dos meus jogadores. Sei que provavelmente vamos defrontar-nos com a Briar nas finais da divisão, daqui a umas semanas, e o vencedor desse jogo recebe uma proposta automática para o torneio nacional...

— Essa proposta automática vai ser nossa — lanço.

— Quero os meus rapazes atentos e concentrados no jogo. Toda a gente diz que o teu pai tem tiro certo. Tinha esperança de que o mesmo se pudesse dizer da filha. — Ele produz um som de desaprovação. — E aqui estás tu, a fazer joguinhos com o pobre e ternurento McCarthy.

— Não estou a fazer joguinhos — respondo, irritada. — De vez em quando, enrolamo-nos. É divertido. Ao contrário do que pensas, as decisões que tomo não têm nada que ver com o meu pai, nem com a equipa dele.

— Bem, as decisões que eu tomo são a pensar na minha equipa — devolve ele. — E eu decidi que quero que te mantenhas bem longe dos meus rapazes. — Engole outro pedaço de tarte. — Porra, isto é delicioso. Queres um pedaço? — Ele estica o garfo.

— Preferia morrer a pôr os lábios nesse garfo.

Ele ri-se.

— Quero experimentar a de noz-pecã. Importas-te?

Fico a olhar para ele.

— Foste tu que pediste a porcaria da tarte.

— Uau, estás mesmo rabugenta esta noite, Jeitosa. Mas calculo que eu também ficaria assim se me deixassem pendurado.

— Não me deixaram pendurada.

— Qual é o nome e a morada dele? Queres que lhe chegue a roupa ao pelo?

Ranjo os dentes.

Ele dá uma dentada na sobremesa intacta à minha frente.

— Oh, merda, esta tarte ainda é melhor. Hummm. Oh, que bom.

E, de um momento para o outro, o capitão da equipa de hóquei de Harvard começa a gemer e a grunhir de prazer como se estivesse a representar uma cena do filme *American Pie: A Primeira Vez*. Tento não deixar que isso me afete, mas aquele sítio traiçoeiro no meio das minhas coxas tem outras ideias, formigando intensamente ao ouvir os ruídos sexuais do Jake Connelly.

— Já posso ir? — resmungo.

Esperem lá. Por que carga de água estou a pedir *autorização*? Não estou refém de ninguém aqui. Não posso negar que estou ligeiramente entretida, mas este rapaz acabou de me acusar de dormir com os colegas dele para arruinar as hipóteses de Harvard vencer a Briar.

Adoro a minha equipa, mas *não* a esse ponto.

— Claro. Vai se quiseses. Mas primeiro envia uma mensagem ao McCarthy a dizer-lhe que está tudo acabado.

— Lamento, Jakey. Não recebo ordens tuas.

— Agora recibes. Preciso que o McCarthy esteja focado no jogo. Acaba com ele.

Empino o queixo, casmurra. Sim, tenho de definir melhor as coisas com o Josh. Pensei que tinha deixado clara a natureza casual do nosso envolvimento, mas, pelos vistos, ele está a atribuir-lhe muito mais significado, se o seu capitão de equipa se refere a ele como «apaixonado».

Contudo, não quero dar o prazer ao Connelly de lhe dar razão. Sou mesquinha a esse ponto.

— Não recebo ordens tuas — repito, enfiando depois uma nota de cinco dólares debaixo da minha chávena meia cheia. Esse valor deve cobrir o café, a gorjeta da Stacy e o stress emocional que ela possa ter sofrido esta noite. — Eu faço o que bem me apetecer com o McCarthy. Talvez lhe ligue agora mesmo.

O Jake semicerra os olhos.

— És sempre assim tão complicada?

— Sim. — Esboçando um sorriso, levanto-me da mesa e visto o casaco de pele. — Vai com calma para Boston, Connelly. Ouvi dizer que as estradas ficam bastante molhadas quando chove.

Ele ri-se baixinho.

Puxo o fecho-éclair do casaco para cima, e depois debruço-me e encosto a boca ao ouvido dele.

— Ah, e já agora, Jakey? — Juro que ouço a respiração dele a ficar ofegante. — Eu guardo-te um lugar atrás da bancada da Briar, no campeonato do Frozen Four.

2

Jake

São nove e meia quando chego a casa, mais coisa, menos coisa. Não tinha capacidade de pagar sozinho o T2 que partilho com o meu colega de equipa Brooks Weston, mesmo com o contrato de principiante chorudo que assinei com os Oilers. Estamos no último piso de um prédio de quatro andares e o nosso apartamento é ridículo. Tem cozinha de *chef*, janelas panorâmicas, claraboias, um alpendre traseiro enorme e até mesmo uma garagem privada para um carro onde o Brooks guarda o seu *Mercedes*.

Ah, e não pago renda.

Eu e o Brooks conhecemo-nos umas semanas antes do início do primeiro ano num evento da equipa, no qual foi organizado um jantar para que os colegas se conhecessem uns aos outros antes do arranque do semestre. Demo-nos logo bem e, quando foi servida a sobremesa, ele convidou-me para ir viver com ele. Ao que parecia, tinha outro quarto disponível no seu apartamento em Cambridgeport. De graça, insistiu.

Ele já tinha recebido autorização especial para viver fora do recinto do *campus*, um dos benefícios de ser o filho rico de um ex-aluno cujas doações seriam retiradas caso a universidade não lhe fizesse a vontade. O pai do Brooks puxou mais uns cordelinhos, e eu também recebi livre-trânsito para sair das residências. É mesmo verdade que o dinheiro abre portas.

Quanto à questão da renda, no início recusei, porque nada na vida é de graça. Mas quanto mais conhecia o Brooks Weston, mais se tornava claro que, para ele, *tudo* é de graça. O rapaz não trabalhou um dia que fosse em toda a sua vida. O seu fundo fiduciário é enorme e tudo lhe é dado de bandeja. Os pais, ou um dos escravos deles, arranjaram-lhe este apartamento e insistem em pagar a renda. Por isso, nestes últimos três anos e meio, tenho tido uma amostra do que é ser um miúdo rico do Connecticut.

Não me interpretem mal. Não sou nenhum aproveitador. Tentei oferecer-lhe dinheiro, mas o Brooks recusa-se a aceitar e os pais também. A Sra. Weston ficou horrorizada quando abordei o assunto durante uma das visitas deles.

«Vocês têm de se concentrar na faculdade», afirmara ela, rindo-se, «e não estar preocupados com o pagamento das contas!»

Eu contivera o riso, porque desde que me lembro que pago contas. Tinha 15 anos quando arranjei o meu primeiro emprego e, assim que o primeiro salário me caiu nas mãos, já tinha pessoas a contar comigo para contribuir para as despesas da nossa casa. Tive de pagar a comida, a conta do telemóvel, o combustível e a televisão por cabo.

A minha família não é propriamente pobre. O meu pai constrói pontes e a minha mãe é cabeleireira, e diria que somos uma família de classe média-baixa. Nunca vivemos à grande e à francesa, por isso vivenciar o estilo de vida do Brooks é um choque. Já jurei em segredo que, quando me instalar em Edmonton e passar a usufruir de todos os benefícios do meu contrato com a NHL, a primeira coisa que vou fazer será passar um cheque à família Weston, para compensar os três anos em que não me obrigaram a pagar renda.

O meu telemóvel toca quando estou a descalçar as minhas botas *Timberland*. Puxo-o do bolso e encontro uma mensagem da minha amiga Hazel, com quem jantei há pouco num dos elegantes restaurantes da Briar.

Hazel: Chegaste bem?? Está a chover a potes.

Eu: Acabei de chegar. Obrigado, mais uma vez, pelo jantar.

Hazel: Sem problema. Vemo-nos sábado no jogo!

Eu: Parece-me bem.

A Hazel envia dois *emojis* da carinha com beijos. Outros rapazes poderiam tirar daí alguma ilação, mas eu não. Eu e a Hazel somos amigos platónicos. Conhecemo-nos desde o secundário.

— Ei! — grita o Weston da sala de estar. — Estamos todos aqui à espera de vossa excelência.

Dispo o casaco molhado. A mãe do Brooks mandou vir aqui um decorador quando nos mudámos para cá e fez questão de comprar tudo aquilo que um gajo nunca se lembraria de ter, como bengaleiros, sapateiras e escorredores para louça. Ao que parece, os homens dão pouca importância a prateleiras, a não ser que estejamos a falar da prateleira de uma rapariga.

Penduro o equipamento na entrada à parte e transponho a porta que conduz à sala principal. O apartamento tem um conceito de *open space*, por isso os meus colegas de equipa estão espalhados pela sala de estar e de jantar, alguns deles ocupando os bancos junto à bancada da cozinha.

Olho em redor. Nem todos estão aqui. Vou fazer vista grossa, tendo em conta que convoquei esta reunião à última hora. Quando estava a regressar de Hastings, comecei a ferver por causa da provocação que a Brenna me fez em relação ao Frozen Four e fiquei preocupado com a forma como ela tem andado a distrair o McCarthy. Por isso, iniciei uma investigação mental de todas as outras distrações que possam estar a prejudicar a equipa. Uma vez que sou um homem de ações, enviei uma mensagem: «Reunião de equipa, minha casa, já.»

A maioria dos novatos — que são quase vinte — enche o espaço, o que significa que as minhas narinas são invadidas pelo cheiro combinado de diversos géis de banho, águas-de-colónia e odores corporais dos palermas que decidiram não tomar banho antes de vir para cá.

— Olá — cumprimento o pessoal. — Obrigado por terem vindo.

Recebo alguns acenos de cabeça, vários «não há problema» e grunhidos gerais de reconhecimento.

Uma das pessoas que não reconhecem a minha presença é o Josh McCarthy. Está inclinado contra a parede perto do sofá de pele castanha e tem o olhar colado ao telemóvel. A sua linguagem corporal denota uma ligeira frustração e tem os ombros um tanto rígidos.

O mais provável é a Brenna Jensen continuar a prendê-lo pela pila. Reprimo a minha própria frustração quando me ocorre esse pensamento. Este miúdo não devia estar a desperdiçar o seu tempo. O McCarthy anda no segundo ano e é um tipo atraente, mas a Brenna é areia demais para a camioneta dele. A rapariga é uma brasa. Sem sombra de dúvida, é uma das mulheres mais bonitas que alguma vez vi. E tem uma boca deliciosa. daquelas que têm de ser silenciadas de vez em quando, talvez com outra boca colada à delas... ou com uma pila a deslizar no meio dos seus lábios vermelhos.

Merda. Afasto o pensamento. Sim, a Brenna é deslumbrante, mas também é uma distração. Como se pretendesse provar o meu ponto, o McCarthy nem sequer levantou a cabeça desde que entrei na sala.

Pigarreio. De forma audível. Ele e os outros rapazes que continuavam colados ao telemóvel viram a cabeça na minha direção.

— Vou ser rápido — declaro, dirigindo-me à sala.

— Espero que sim — diz o Brooks, sentado no sofá. Está a usar unicamente umas calças de fato de treino pretas. — Deixei uma miúda na cama por causa disto.

Reviro os olhos. Claro que o Brooks tinha de estar a pinar com alguém. Ele está sempre a pinar. Não que eu tenha muita moral para criticar. Já trouxe várias raparigas cá a casa. Tenho pena dos nossos vizinhos do andar de baixo, por terem de aguentar o desfile de passos a subir e descer as escadas. Para sorte deles, organizamos poucas festas. Organizar festas é uma porcaria. Quem quer ficar com a casa transformada numa pocilga? É para isso que servem as casas das repúblicas.

— Tu és mesmo especial — diz o Dmitry, o nosso melhor defesa, a troçar do Weston. — Também deixei a minha cama por causa desta reunião. Cama, ponto final. Porque estou podre de cansaço.

— Estamos todos — intervém o Heath, o ala esquerdo júnior.

— Sim, D, sê bem-vindo ao clube dos cansados — zomba o Coby, um dos nossos jogadores seniores.

Atravesso a sala em direção à cozinha, onde pego numa garrafa de água. Sim, eu ouvi-os perfeitamente. Este último mês tem sido intenso. Todas as primeiras divisões estão empenhadas nos respetivos torneios, o que significa que haverá um mês inteiro dos jogos de hóquei mais competitivos a que alguma vez assistiremos. Estamos todos a lutar pelas propostas automáticas para o torneio nacional e, caso não consigamos, temos de contar com um recorde bom o suficiente para sermos selecionados para as finais. Temporadas completas estão aqui em jogo.

— Sim — concordo, desenroscando a tampa da garrafa. — Estamos cansados. Vejo-me aflito para manter os olhos abertos nas aulas. Tenho nódoas negras pelo corpo todo. Vivo e respiro estes *play-offs*. Penso obsessivamente em estratégias todas as noites antes de adormecer. — Bebo um gole. — Mas foi com isto que nos comprometemos e estamos muito perto de colher os frutos. O jogo contra Princeton vai ser o mais duro que enfrentámos a temporada inteira.

— Não estou preocupado com Princeton — diz o Coby, esboçando um sorriso arrogante. — Já os vencemos uma vez este ano.

— Muito no início da temporada — observo. — Desde aí, eles têm vindo a melhorar. Venceram os quartos de final contra a Union.

— E daí? — O Coby encolhe os ombros. — Nós também vencemos a nossa série.

Ele tem razão. No fim de semana passado, tivemos um dos nossos melhores jogos de hóquei de sempre. Mas agora estamos na semi-final. O cerco está a apertar.

— Já não estamos nos dois melhores de três — relembro aos rapazes. — Estamos na eliminação. Se perdermos, saltamos fora.

— Depois da temporada que tivemos? — questiona o Dmitry. — Vamos ser selecionados para o torneio nacional mesmo que não cheguemos às finais da divisão.

— Estás disposto a apostar a nossa temporada inteira? — pergunto, em tom de desafio. — Não preferias ter aquela proposta garantida?

— Bem, sim, mas...

— Mas nada — interrompo-o. — Não vou alimentar esperanças com a *possibilidade* de a nossa temporada ser considerada boa o suficiente para avançarmos. Vou apostar que vamos dar uma abada a Princeton este fim de semana. Entenderam?

— Sim, senhor — murmura o Dmitry.

— Sim, senhor — repetem alguns dos rapazes mais novos.

— Já vos disse que não precisam de me tratar por senhor. Jesus.

— Queres que te tratemos por Jesus? — indaga o Brooks, pestanejando de modo inocente.

— Também não. Só quero que vençam. Quero que *vençamos*.

— E estamos tão perto que quase praticamente consigo saborear a vitória.

Já passaram... merda, nem sei quantos anos passaram desde que Harvard venceu o campeonato da NCAA. Pelo menos, não foi durante o meu reinado.

— Quando foi a última vez que a Crimson venceu o Frozen Four?

— pergunto ao Aldrick, o nosso responsável das estatísticas residente. O cérebro dele parece uma enciclopédia. Sabe todos os dados que há a saber sobre o hóquei, por mais insignificantes que sejam.

— 1989 — responde ele.

— 1989 — repito. — Passaram quase três décadas desde que fomos campeões nacionais. Os jogos do torneio universitário de Boston não contam. As finais da divisão não contam. Temos de estar focados no prémio final.

Passo nova vistoria na sala. Para minha irritação, o McCarthy está outra vez a olhar para o telemóvel e de modo pouco discreto.

— Agora a sério. Sabes sequer o que estava a ser feito à minha pila quando enviaste uma mensagem por causa desta reunião? — pergunta o Brooks em tom acusatório. — Havia calda de chocolate à mistura.

Alguns dos rapazes assobiam.

— E tu só querias fazer-nos um discurso igual ao do filme *Pela Vitória*? Porque, sim, nós entendemos — continua o Brooks. — Precisamos de vencer.

— Pois precisamos. E do que *não* precisamos é distrações. — Lanço um olhar sério ao Brooks e depois direciono-o para o McCarthy.

O segundanista fica visivelmente perplexo.

— O que foi?

— Estou a referir-me também a ti. — Troco olhares com ele. — Para de fazer joguinhos com a filha do Chad Jensen.

Ele fica visivelmente transtornado. Não me sinto mal por expor o McCarthy perante quem não soubesse, porque estou convencido de que todos eles, incluindo as mães, já estão a par. Ele ostenta o namorico com a Brenna como uma medalha de honra. Não se gaba disso em conversas de balneário, mas não para de dizer que a rapariga é linda.

— Olha, não costumo dizer aos rapazes o que devem fazer com a pila, mas estamos a falar de umas semanas. De certeza que a consegues manter dentro das calças durante esse tempo.

— Então ninguém pode fazer sexo? — pergunta o Jonah, um dos juniores, perplexo. — Porque, se for esse o caso, gostava que *ligasses* à minha namorada e lhe dissesses isso.

— Boa sorte, capitão. A Vi é viciada em sexo — confirma o Heath com um sorriso, referindo-se à namorada de longa data do Jonah.

— Mas espera lá... Não saíste do bar com uma ruiva boazona na outra noite? — pergunta o Coby. — Porque parece-me que não andas a fazer aquilo que defendes, meu.

— A hipocrisia é a muleta do Diabo — diz o Brooks, de modo solene.

Contenho um suspiro e levanto uma mão para os calar.

— Não estou a proibir que tenham relações sexuais. Estou a pedir que evitem distrações. Se não conseguirem ter maturidade para ter relações sexuais nesta altura, não tenham. Jonah, tu e a Vi fornicam como dois coelhos e isso nunca afetou o teu desempenho na pista de gelo. Por isso, pouco me importa que continuem a fazê-lo. Já tu... — O McCarthy recebe outro olhar austero. — Tens sido uma nódoa nos treinos a semana toda.

— Não tenho nada — protesta ele.

O nosso guarda-redes, o Johansson, decide manifestar-se.

— Falhaste todos os remates durante o treino desta manhã.

O McCarthy mostra-se perplexo.

— Tu é que *travaste* todos os meus remates. Estou a levar nas orelhas por seres um bom guarda-redes?

— Tu és o jogador da nossa equipa que mais golos marca a seguir ao Jake — responde o Johansson, encolhendo os ombros. — Devias ter conseguido marcar alguns.

— De que forma é culpa da Brenna eu ter tido um mau dia? Eu...

— Ele cala-se abruptamente e olha para a mão. Calculo que tenha recebido uma notificação no telemóvel.

— Céus, estás a acabar de provar o ponto do Connelly — resmunga o Potts, um avançado, dirigindo-se ao McCarthy. — Guarda o telemóvel. Alguns de nós querem que a reunião termine para irmos para casa beber uma cerveja.

Viro a cabeça na direção do Potts.

— Por falar em cerveja... tu e o Bray estão oficialmente banidos de todas as festas de república até aviso em contrário.

O Will Bray amua.

— Vá lá, Connelly.

— O jogo de *beer pong* é divertido, eu entendo, mas vocês precisavam de beber menos. Por amor de Deus, estás a começar a ficar com barriga de cerveja, Potts.

Todos os olhares da sala recaem na pança dele, que, neste preciso momento, está tapada por um casaco com capuz grosso de Harvard, mas eu vejo o gajo todos os dias no balneário. Eu sei o que o casaco esconde.

O Brooks produz um som de escárnio.

— Não acredito que estás a criticar o corpo do Potts.

Lanço um olhar carrancudo ao meu colega de casa.

— Não estou a criticar o corpo dele. Estou simplesmente a alertar que todos aqueles torneios de *beer pong* estão a abrandá-lo na pista de gelo.

— É verdade — confirma o Potts, com um ar abatido. — Tenho sido uma nódoa.

Alguém se ri.

— Não tens sido nada uma nódoa — asseguro-lhe. — Mas, sim, podias deixar a cerveja por umas semanas. Quanto a ti... — É a vez de me dirigir ao Weston. — Também devias ter em consideração um período de abstinência.

— Estou-me a borrifar para isso. É o sexo que me dá os meus superpoderes.

Reviro os olhos. Faço-o muitas vezes quando estou com o Brooks.

— Não estou a falar de sexo. Estou a falar das tuas atividades ilícitas nas festas.

O seu maxilar fica imediatamente tenso. Ele sabe bem ao que me refiro, e os nossos colegas de equipa também. Não é segredo nenhum que o Brooks gosta de usar drogas nas festas. Por vezes é um charro, outras vezes, uma linha de cocaína. Ele escolhe o momento e a quantidade certos para o fazer, e suponho que deva ajudar o facto de a cocaína apenas ficar na corrente sanguínea durante quarenta e oito horas.

O que não quer dizer que eu tolere essa merda. Não tolero. Mas dar ordens ao Brooks é tão eficaz quanto falar com uma parede de tijolo. Cheguei a ameaçá-lo que contava ao treinador, e o Weston incentivou-me a ir em frente. Ele joga hóquei porque é divertido, não porque adore o jogo e queira entrar na liga profissional. Ele era capaz de desistir do hóquei num piscar de olhos, e as ameaças não funcionam numa pessoa que não tem medo de perder.

Não é o primeiro a usar drogas de vez em quando, e não será o último. Parecem-me ser atividades unicamente recreativas, e ele nunca o faz em dias de jogo. Mas na *after-party* já é outra conversa. Aí não há regras.

— Se fores apanhado com drogas ou falhares num exame de urina, já sabes o que acontece. Por isso, parabéns, vais ficar oficialmente limpo até depois do Frozen Four — informo-o. — Entendido?

Ao fim de alguns minutos demorados e tensos, ele assente com a cabeça.

— Entendido.

— Ainda bem. — Dirijo-me aos restantes. — Concentremo-nos em vencer Princeton este fim de semana. Tudo o resto é secundário.

O Coby lança um sorriso presunçoso na minha direção.

— E tu? De que vais abdicar, capitão?

Arqueio a sobrelance.

— De que é que estás para aí a falar?

— Convocaste uma reunião de equipa. Disseste ao coitado do McCarthy que não pode usar mais a pila, tiraste as atividades ilícitas ao Weston e privaste o Potts e o Bray do seu título do campeonato de *beer pong*. E tu, o que vais fazer pelo bem da equipa?

Um silêncio abate-se sobre o apartamento.

Por segundos, fico sem palavras. Estará ele a falar a sério? Eu marco pelo menos um golo por jogo. Se mais alguém marcar, normalmente é com a minha ajuda. Sou o patinador mais rápido da Costa Leste e um ótimo capitão.

Abro a boca para responder quando o Coby começa a rir-se.

— Mano, devias ter visto a tua cara. — Ele lança-me um sorriso.

— Tem calma. Já fazes bastante. És o melhor capitão que alguma vez tivemos.

— Sim, senhor — exclamam vários rapazes.

Descontraio. Mas o Coby tem uma certa razão.

— Ouçam, não vou pedir desculpa por querer que estejamos concentrados, mas peço desculpa se estou a ser duro convosco. Sobretudo contigo, McCarthy. Tudo o que peço é que mantenham a cabeça no jogo. Podem fazer isso?

Cerca de vinte cabeças acenam em resposta.

— Boa. — Bato palmas. — Podem ir dormir, e deem o vosso melhor no treino de amanhã de manhã.

O grupo começa a dispersar. Uma vez mais, os nossos vizinhos são obrigados a suportar o barulho dos passos pesados de duas dezenas de jogadores de hóquei a descender as escadas.

— Pai, posso voltar para o meu quarto? — pergunta o Brooks num tom sarcástico.

Sorrio.

— Sim, filho, podes ir. Eu tranco as portas.

Ele levanta o dedo do meio e dirige-se para os quartos. Entretanto, o McCarthy continua junto à porta da frente, à minha espera.

— O que devo dizer à Brenna? — pergunta.

Não consigo perceber se está chateado, porque a sua expressão não transparece nada.

— Diz-lhe simplesmente que tens de te concentrar no torneio e que podem estar juntos depois de passar a temporada.

Eles nunca mais vão estar juntos.

Não digo em voz alta aquilo que estou a pensar, mas sei que é verdade. A Brenna Jensen nunca aceitaria ficar «em *standby*» por alguém, muito menos por um jogador de Harvard. Se o McCarthy fizer uma pausa, mesmo que temporariamente, ela vai decidir-se por uma separação permanente.

— A Briar venceu três campeonatos nacionais na última década — afirmo, num tom de voz neutro. — Já nós, não vencemos nenhum. Isso é inaceitável, puto. Por isso, diz-me o que é mais importante para ti: ser manipulado pela Brenna Jensen ou derrotar a equipa dela?

— Derrotar a equipa dela — responde ele, de imediato.

Sem hesitar. Gosto disso.

— Então vamos derrotá-los. Fazer aquilo que tem de ser feito.

Acenando com a cabeça, o McCarthy sai porta fora e eu tranco-a logo a seguir.

Se me sinto mal? Talvez um pouco. Mas qualquer pessoa consegue ver que ele e a Brenna não foram feitos um para o outro. Ela própria o disse.

Estou apenas a apressar o inevitável.

3

Brenna

— Onde estiveste? Já te liguei três vezes, Brenna.

O tom brusco do meu pai consegue sempre enervar-me. Ele fala comigo da mesma forma que fala com os seus jogadores: seca, impaciente e implacável. Gostava de dizer que sempre foi assim, que ele sempre foi austero a minha vida toda. Mas isso seria mentira.

O meu pai não costumava falar-me rispidamente. A minha mãe morreu num acidente de viação quando eu tinha 7 anos, e o meu pai foi obrigado a assumir os dois papéis. E saiu-se lindamente. Costumava falar comigo com amor e carinho no rosto e na voz. Sentava-me no colo dele e despenteava-me o cabelo, dizendo: «Conta-me como correu a escola, Peaches.» Peaches era a alcunha que ele usava para mim, por amor de Deus.

Mas isso foi há muito tempo. Agora, sou apenas a Brenna, e não me lembro da última vez que associei as palavras «amor» ou «carinho» ao meu pai.

— Vim a pé para casa e estava a chover torrencialmente — respondo. — Não conseguia atender o telemóvel.

— Vens a pé de onde?

Puxo o fecho-éclair das botas no corredor exíguo do meu apartamento que ocupa uma cave. Arrendo-o a um casal simpático chamado Mark e Wendy, que viajam regularmente em trabalho.

Uma vez que tenho uma entrada à parte, consigo passar semanas sem ter qualquer interação com eles.

— Do Della's Diner. Fui tomar café com um amigo — respondo.

— A esta hora?

— É assim tão tarde? — Viro o pescoço para a cozinha, que ainda é mais pequena do que o corredor, e olho para o relógio do micro-ondas. — Ainda nem são dez da noite.

— Não tens uma entrevista amanhã?

— E daí? Achas que por chegar a casa às nove e meia não vou despertar quando ouvir o alarme? — Não consigo evitar o tom sarcástico. Por vezes, é difícil não lhe responder tão rispidamente como ele me responde a mim.

Ele ignora a minha provocação.

— Falei com uma pessoa da estação televisiva hoje — diz. — O Stan Samuels. É diretor da cabina de controlo principal e um tipo às direitas. — A voz do meu pai torna-se áspera. — Disse-lhe que ias amanhã e intercedi a teu favor.

Suavizo um pouco o meu tom de voz.

— Oh, que simpático. Obrigada.

Algumas pessoas podem sentir-se constrangidas por pedir favores, mas eu não tenho problema nenhum em usar os contactos do meu pai se isso me ajudar a garantir este estágio. É um mundo imensamente competitivo e, apesar de ser mais do que qualificada para o fazer — esfalfei-me para isso —, estou em desvantagem por ser mulher. Infelizmente, é uma área dominada por homens.

O programa de radiodifusão da Briar oferece estágios curriculares para estudantes do último ano, mas eu espero conseguir passar a perna a todos. Se arranjar um estágio de verão na HockeyNet, há uma boa hipótese de continuar a trabalhar lá durante o último ano. O que significa que terei vantagem sobre os meus colegas e será mais fácil conseguir um trabalho quando me licenciar.

O meu objetivo sempre foi tornar-me jornalista desportiva. Sim, a HockeyNet só existe há uma década (e os níveis de originalidade deviam estar baixos no dia em que escolheram o nome), mas

a estação televisiva cobre exclusivamente notícias sobre hóquei e, quando foi lançada, preencheu uma lacuna grande no mercado de cobertura desportiva. Eu vejo religiosamente a ESPN, mas uma das minhas grandes queixas é a fraca cobertura de jogos de hóquei. O que não deixa de ser irritante. Em teoria, o hóquei é o quarto principal desporto do país, mas, muitas vezes, os canais mais populares tratam-no como se fosse menos importante do que a NASCAR, o ténis ou — até me encolho — o golfe.

Sonho em estar diante de uma câmara, sentada com aqueles comentadores na mesa dos figurões, a anunciar os destaques, a comentar os jogos e a dar os meus prognósticos. O jornalismo desportivo é uma carreira difícil para uma mulher, mas conheço bem o mundo do hóquei e estou confiante de que vou arrasar na entrevista amanhã.

— Depois diz-me como correu — ordena o meu pai.

— Digo, sim.

Quando estou a atravessar a sala de estar, a minha meia esquerda toca em qualquer coisa molhada e solto um guincho.

De imediato, o meu pai fica preocupado.

— Está tudo bem?

— Desculpa, está sim. A carpete está molhada. Devo ter derramado alguma coisa... — Paro quando reparo numa pequena poça diante da porta de correr que dá acesso ao quintal. Continua a chover lá fora, e a chuva cai com força contra o pátio de pedra. — Merda. Tenho uma poça de água junto à porta das traseiras.

— Isso não é nada bom. O que se passa? A caleira está a escoar água para dentro da casa?

— Como queres que saiba? Achas que estudei a situação das caleiras antes de me mudar para aqui? — Ele não me consegue ver a revirar os olhos, mas espero que consiga perceber a frustração na minha voz.

— Diz-me de onde vem a água.

— Já te disse, a maior parte está acumulada junto à porta de correr. — Percorro o perímetro da sala de estar, o que demora cerca de três segundos. A única poça de água é junto à porta.

— Pronto. É bom sinal. Significa que provavelmente não é das caleiras. Mas se for água da chuva, pode haver vários culpados para isso estar a acontecer. A entrada está pavimentada?

— Sim.

— Se calhar, os teus senhorios têm de ponderar opções de drenagem. Liga-lhes amanhã e pede-lhes que investiguem.

— Assim farei.

— Estou a falar a sério.

— Já disse que ia fazer isso. — Eu sei que ele está a tentar ajudar, mas qual é a necessidade de usar aquele tom de voz comigo? Com o Chad Jensen, tudo é uma ordem, nunca uma sugestão.

Eu sei que ele não é mau homem. É simplesmente superprotector, e já houve tempos em que talvez tivesse razão para isso. Mas há três anos que vivo sozinha. Consigo tomar conta de mim própria.

— E vais à semifinal no sábado à noite? — pergunta o meu pai, num tom de voz descontraído.

— Não posso — respondo, e arrependo-me genuinamente de faltar a um jogo tão importante. Mas fiz planos há uma eternidade. — Vou visitar a Tansy, lembras-te? — A Tansy é a minha prima favorita, filha da irmã mais velha do meu pai, a Sheryl.

— É este fim de semana?

— Sim.

— Então, está bem. Dá-lhe cumprimentos meus e diz-lhe que estou ansioso por estar com ela e com o Noah na Páscoa.

— Combinado.

— Vais passar lá a noite? — A pergunta traz água no bico.

— Duas, na verdade. Vou para Boston amanhã e volto no domingo.

— Não faças... — Ele cala-se.

— Não faço o quê? — Desta vez, é a minha pergunta que traz água no bico.

— Não faças nada imprudente. Não bebas demasiado. Mantém-te em segurança.

Agradeço que ele não diga «Não bebas nada», mas isso é provavelmente porque sabe que não consegue impedir-me. Depois de ter

feito 18 anos, ele deixou de conseguir obrigar-me a cumprir o recolher obrigatório ou as regras dele. E depois de ter feito 21, ele não tinha forma de me impedir de beber um copo ou dois.

— Eu fico bem — prometo, porque é a única garantia que consigo dar com confiança.

— Bren — diz ele, e depois cala-se novamente.

Sinto que a maior parte das conversas com o meu pai decorre assim. Começam e param. Há palavras que queremos dizer e palavras que não dizemos. É muito difícil criar laços com ele.

— Pai, podemos desligar agora? Quero tomar um duche quente e preparar-me para ir dormir. Tenho de acordar cedo amanhã.

— Está certo. Depois diz-me como correu a entrevista. — Calasse. Quando fala de novo, é para oferecer um encorajamento pouco habitual. — Tu consegues.

— Obrigada. Boa noite, pai.

— Boa noite, Brenna.

Desligo e faço exatamente aquilo que lhe disse: tomo um duche de água a esquentar, porque os vinte minutos de caminhada à chuva me arrefeceram até ao tutano. Estou mais vermelha do que uma lagosta quando saio da divisória do chuveiro apertada. A minha casa de banho pequena não tem banheira, o que é uma pena. Os banhos de imersão quentes são um máximo.

Não gosto de dormir com o cabelo molhado, por isso seco-o rapidamente e depois vasculho a cómoda à procura do meu pijama mais quente. Escolho umas calças aos quadrados e uma camisola fina de manga comprida com o logótipo da Universidade Briar estampado. Regra geral, as caves costumam ser frias e o meu apartamento não é exceção. Admira-me ainda não ter apanhado uma pneumonia nos sete meses e pouco em que vivo aqui.

Enfio-me debaixo do edredão e, quando puxo o telemóvel do carregador, encontro uma chamada perdida da Summer. Tenho a sensação de que ela vai ligar outra vez se não lhe devolver a chamada, provavelmente cinco segundos depois de eu adormecer, por isso ligo-lhe antes que ela arruine a minha noite de sono reparador.

— Estás chateada comigo? — É assim que ela me cumprimenta.
— Não. — Viro-me de lado, com o telemóvel preso no ombro.
— Apesar de te ter feito o arranjinho com o Jules e te ter falado bem dele? — A voz dela transborda de culpa.

— Sou uma adulta, Summer. Não me obrigaste a dizer que sim.
— Eu sei. Mas sinto-me pessimamente. Nem acredito que ele não apareceu.

— Não te preocupes com isso. Não estou nada chateada. Quando muito, livre-me de boa.

— Ainda bem. — Ela parece aliviada. — Vou juntar-te com um gajo ainda melhor.

— Ah, isso é que não vais — respondo, num tom de voz animado. — Estás oficialmente dispensada das tuas funções de casamenteira. Que, já agora, foste tu que atribuíste a ti própria. Fofa, confia em mim, não tenho a menor dificuldade em conhecer homens.

— Sim, tens jeito para os conhecer. Já para namorar, és péssima.

— Não quero namorar com ninguém — apresso-me a protestar.

— Porque não? Ter um namorado é fantástico.

Talvez, quando o nosso namorado é o Colin Fitzgerald. A Summer namora com um dos tipos mais decentes que já conheci. Inteligente, bondoso, perspicaz, já para não falar que é um autêntico bonzão.

— Tu e o Fitz continuam obcecados um pelo outro?

— *Completamente*. Ele atura os meus desvarios e eu aturo a cro-mice dele. Além disso, temos o melhor sexo de sempre.

— Aposto que o Hunter está a adorar — respondo, secamente.
— Espero que não tenhas o hábito de gritar alto.

O Hunter Davenport é colega de casa da Summer e do Fitz, e foi rejeitado há pouquíssimo tempo pela Summer. Ela concordou em ir a um encontro com ele, mas depois percebeu que os sentimentos pelo Fitz eram demasiado fortes. O Hunter não aceitou muito bem.

— Céus, não imaginas como é difícil tentar fazer pouco barulho quando o Fitz está a fazer o seu truque de magia no meu corpo — lamuria-se a Summer, soltando um suspiro.

— Truque de magia?

— Sim, truque de magia. Mas se estás preocupada com a possibilidade de o Hunter estar deitado na cama a escutar-nos e a choramingar inconsolavelmente, não estejas. Todas as noites ele traz para casa uma rapariga diferente.

— Que bom para ele — digo, rindo-me. — Aposto que o Hollis fica verde de inveja.

— Nem sei se o Mike reparou sequer. Anda demasiado ocupado a suspirar pelos cantos por tua causa.

— Ainda? — Caramba. Tinha esperança de que ele já tivesse parado com isso.

Fecho os olhos por instantes. Já fiz algumas parvoíces na minha vida, mas enrolar-me com o Mike Hollis está no topo dessa lista. Estávamos os dois perdidos de bêbedos, por isso só trocámos uns amassos e eu adormeci a bater-lhe uma. Não foi definitivamente o meu momento mais elegante, nem sequer foi assim tão memorável. Não faço a menor ideia de porque é que ele haveria de o querer repetir.

— Ele está perdido de amores — confirma a Summer.

— Isso passa.

Ela ri-se, mas a gargalhada esmorece depressa.

— O Hunter tem sido um imbecil connosco — admite. — Quando não anda a papar tudo o que usa saia.

— Ele gostava mesmo de ti, hum?

— Queres que seja sincera? Acho que não é comigo que ele está sentido, mas sim com o Fitz.

— Eu entendo. Ele queria comer o Fitz — respondo, de modo solene. — Quero dizer, quem não quer?

— Não, idiota. O Fitz mentiu na cara do Hunter quando ele perguntou se ele gostava de mim. O Hunter encara-o como uma traição ao código masculino.

— O código masculino é sagrado — sou obrigada a concordar. — Sobretudo entre colegas de equipa.

— Eu sei. O Fitz diz que há um ambiente muito tenso durante os treinos. — A Summer geme. — E se afetar o desempenho deles nas semifinais, Bee? Nesse caso, Yale irá avançar para as finais.

— O meu pai vai metê-los na linha — asseguro-lhe. — E podes dizer o que quiseses em relação ao Hunter, mas ele gosta de vencer jogos de hóquei. Não vai permitir que uma briga por causa de uma rapariga qualquer, sem ofensa, o distraia da vitória.

— Será que devia...

Uma vibração junto ao meu ouvido abafa a pergunta dela.

— O que disseste?

— Mensagem de texto — explico. — Desculpa, continua. O que estavas a dizer?

— Estava a questionar se seria melhor falar novamente com ele.

— Acho que não vai fazer diferença. Ele é casmurro. Mas, mais tarde ou mais cedo, vai agir como um rapaz crescidinho e há de ultrapassar isso.

— Espero que sim.

Continuamos a conversar durante mais algum tempo, até começar a sentir as pálpebras pesadas.

— Summer, vou dormir agora, fofa. Tenho aquela entrevista de manhã.

— Está bem. Liga-me amanhã. Adoro-te.

— Também te adoro.

Estou quase a desligar o candeeiro da mesa de cabeceira quando me lembro da mensagem. Clico no ícone e semicerro os olhos ao ler o nome do McCarthy.

Olá, B. Tem sido espetacular passar tempo contigo, mas vou ter de me afastar durante uns tempos. Pelo menos até ao fim dos *play-offs*. Tenho de me concentrar no jogo, entendes? Eu ligo-te quando tudo estiver mais calmo, pode ser? Beijos.

Fico de queixo caído. Isto é alguma piada?

Leio a mensagem de novo e, não, o conteúdo não muda.

O McCarthy terminou mesmo as coisas.

Ao que parece, o Jake Connelly acabou de declarar guerra.

Nada de bom poderá sair deste acordo... Ou será que sim?

Brenna sempre fez o que queria e nunca se importou com o que os outros pensam, pelo que todos a veem como uma durona. Contudo, enquanto filha do treinador principal da equipa de hóquei no gelo da Briar, há certos limites que ela não pode ultrapassar, e dormir com o inimigo é certamente um deles.

E é mesmo isso que se pode chamar a Jack Connelly, o melhor avançado da equipa rival de Harvard, que é também incrivelmente arrogante, irritante e... muito atraente. Por ironia do destino, e de modo a conseguir um estágio muito desejado, Brenna vai precisar que ele a ajude e se faça passar por seu namorado, mas Jack não irá facilitar-lhe a vida... e por cada encontro a fingir que ela lhe pede, ele quer um a sério.

É assim que Brenna dá por si a sair às escondidas com Jack e a colocar tudo em risco — tanto a relação com o pai como as suas amizades e a futura carreira profissional. A cada encontro que tem com o atraente jogador de hóquei, Brenna percebe que se vai tornando mais difícil resistir-lhe. Mas recusa-se a apaixonar-se por ele.

Da mesma série:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-601-1



9 789895 896011